

ENSINO DE HISTÓRIA, FORMAÇÃO DOCENTE E SABER HISTÓRICO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO HISTÓRICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

HISTORY TEACHING, TEACHER TRAINING AND KNOW TRANSCRIPT: REFLECTIONS ON HISTORY EDUCATION IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Jaqueline Aparecida M. Zarbato

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas (UFMS)

Correspondência:

Campus II - Três Lagoas Av. Ranulpho Marques Leal, 3.484, Distrito Industrial

Três Lagoas – MS – Brasil. CEP: 79620-080

E-mail: jaqueline.zarbato@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende analisar as concepções históricas utilizadas como referenciais na docência em História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A fundamentação da narrativa docente é abordada como proposição sobre como ensinar História nos anos iniciais. Assim, será utilizada a abordagem da Educação Histórica, proposta numa oficina com os/as professores/as que atuam nos anos iniciais, sendo realizadas entrevistas para fundamentar a análise da pesquisa. Para elucidar as concepções em torno do ensino de História, foram abordadas as discussões sobre a didática da História, o uso das fontes históricas, proposição do campo da Educação Histórica, consciência histórica, bem como os fundamentos que envolvem o fazer e o saber docente.

Palavras-chave: Ensino de História; formação de professores; educação histórica.

Abstract

This article aims to examine historical conceptions used as references in history teaching in the first years of elementary school. The rationale of the teaching narrative is addressed as a proposition on how to teach history in the early years. Thus, the approach of Historical Education will be used, proposed a workshop with the teachers those working in early years, interviews being conducted to support the analysis of the research. To elucidate the concepts surrounding the teaching of history, were approached discussions about the teaching of history, the use of historical sources, proposition of the field of History Education, historical consciousness, and the grounds surrounding the making and teaching knowledge.

Keywords: History teaching; teacher education; history education.

Reflexões sobre o saber histórico

Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno [...] no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E 'histórico' significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural.¹

O agir humano dos/as professores/as em torno do ensino de História, é o objetivo deste artigo, o qual foi desenvolvido a partir das reflexões realizadas numa oficina² com professores/as que atuam na Educação Básica, pedagogos/as que lecionam História nos anos iniciais. Entre as proposições da oficina abordaram-se as concepções dos/as professores/as acerca do saber histórico e da produção do conhecimento histórico na sala de aula. A concepção se dá, sobretudo em analisar o entrelaçamento em torno das diferentes fundamentações que constroem a História ensinada.

No processo de abordagem sobre a produção do conhecimento histórico, as narrativas sobre o Ensino de História relacionam-se com as concepções advindas da formação inicial, das implicações curriculares, da subjetividade de ensinar história, fundamentando os caminhos da Didática da História.

Ao abordar as questões em torno do Ensino de História, compactuamos com a compreensão que o saber histórico reflete-se na produção do conhecimento, e que há uma reflexão no contexto educacional, para que professores/as e alunos/as possam analisar e compreender as diferentes vertentes teóricas e dialogar com as fontes históricas disponíveis, nas instituições educativas. Kátia Abud³ aponta para o aprofundamento sobre o ensino de História nas instituições escolares:

O conhecimento histórico é a principal ferramenta na construção dessa consciência histórica, que articula o passado com as orientações do presente e com as determinações do sentido com as quais o agir humano organiza suas intenções e expectativas no fluxo do tempo. Mas, é nas escolas que se estuda a História e onde se cruzam

¹ RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história*. Os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001, p. 79.

² A oficina foi realizada no Laboratório de Ensino de História na UFMS/CPTL. Após as oficinas, foram analisadas as fundamentações realizadas pelos/as professores/as.

³ ABUD, Kátia. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005.

de modo comprometido o conhecimento científico e o conhecimento escolar, por que o ambiente escolar é privilegiado para que os alunos aprendam maneiras de pensar sobre o passado que deverão ajuda-los a se orientar no tempo, relacionando o passado, o presente e o futuro com suas vivências como seres temporais.

Na busca pela construção de abordagens que favorecem a compreensão dos/as alunos/as sobre as concepções históricas, as intenções dos/as professores/as em inserir reflexões e análises partem da compreensão de maneiras de pensar as questões históricas no espaço da sala de aula. As concepções historiográficas articulam as discussões sobre os campos culturais, políticos, estruturais e econômicos; sendo assim, definem também as matrizes teóricas e a reflexão acerca do ensino de história.

Neste sentido, as discussões em torno das abordagens históricas têm se voltado para o desenvolvimento de ações que tratam da compreensão e entendimento, por parte dos/as alunos/as, das concepções históricas. Assim, seguindo a abordagem de estudiosas como Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt,⁴ a contribuição da produção filosófica da História, influenciou no desenvolvimento de ações que visam fundamentar o pensamento histórico de alunos/as, principalmente com proposições que partem das concepções e entendimento por parte dos próprios/as alunos/as.

Nos anos 1980, houve modificações no ensino de História, principalmente com a influência das concepções historiográficas, que trouxeram a retomada da disciplina de História como espaço para ensino crítico. Assim, visava-se recuperar o aluno como sujeito da história e não como mero expectador de uma história já determinada, produzida por “heroicos personagens dos livros didáticos.”⁵

Neste processo em que o ensino de História passa a ser significativo para alunos/as, inserem-se novas abordagens e linguagens, a postura do/a professor/a crítico-reflexivo/a que valoriza diferentes ações torna-se necessária, pois o ensino de História não é uma construção individual, mas composta por interlocutores que constroem sentidos e se sentem inseridos no processo histórico, é preciso que o professor faça a diferença, pois se procura sair do tradicional, dar ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História.⁶

Seguindo essa premissa, foi proposto na oficina obter algumas concepções, as quais foram coletadas através de entrevistas com os/as professores/as. A partir das entrevistas, pode-se perceber a intrínseca relação entre a construção e produção do saber docente. Para Ana Maria Monteiro:⁷

⁴ BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, III Série, v. 2, 2001, p. 13-21. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

⁵ BARCA, Isabel. Educação Histórica. *Op cit.*, p. 13

⁶ *Ibidem*, p. 16.

⁷ MONTEIRO, Ana Maria. Professores: Entre saberes e práticas. *Educação & sociedade*, Campinas, a. XXII, n. 74, abr./2001, p. 121-142.

[...] a categoria de “saber docente”, que permite focalizar as relações dos professores com os saberes que dominam para poder ensinar e aqueles que ensinam, sob uma nova ótica, ou seja, mediadas por e criadoras de saberes práticos, que passam a ser considerados fundamentais para a configuração da identidade e competência profissionais.

As possibilidades de análise sobre os diferentes elementos que constituem o cotidiano dos/as professores/as e as implicações pedagógicas em ensinar História fundamentaram a divisão em dois grupos. Uma vez que as abordagens se diferenciavam não só pelo aprofundamento, mas pela indicação de como ensinar História, pelas proposições em atuar na sala de aula, e como cada grupo destacava o que era importante na relação de ensino- aprendizagem da História - que em última instância apontam o posicionamento de cada professor/a. De acordo com Maurice Tardif:⁸

[...] a relação dos professores com os saberes não se reduz à função de transmissão de conhecimentos constituídos por outros, mas integra diferentes saberes e relações, sendo plural e resultado de sua formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Assim, nas proposições sobre o ensino de história, pretende-se a aproximação entre questões da historiografia e questões pedagógicas que suplantem a dicotomia existente, muitas vezes nos cursos de formação dos professores. Neste sentido, as questões da abordagem didática e da prática diária do/a professor/a, são concebidas em nossa análise como espaço de fronteiras e concebidas como demarcadoras de atitudes, modelos de atuação profissional, proposição sobre o que ensinar, como ensinar, para que ensinar História.

Neste processo, a produção do conhecimento histórico apresenta também os elementos formativos do ensino e da aprendizagem da História, em que a Didática da História visou aliar os meios de investigar a Consciência História não só nas escolas, mas nos usos públicos, em que ela reforça a utilidade da História na vida prática dos homens.⁹

A concepção da História ensinada que se pretende apontar, evidencia e elabora diálogos em torno da apreensão do conhecimento por parte dos/as alunos/as e da experiência de professores/as, ou melhor, valoriza as experiências, apreensões de conhecimento, produção de saber em diferentes espaços. Assim, a didática da História envolve o conhecimento histórico, o qual não é aprendido simplesmente pela recepção, mas por possibilitar habilidades para dar sentido à história. Este sentido do ensinar História não significaria não ter conteúdos para serem ensinados, mas olhar

⁸ TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002

⁹ BERGMANN, Klaus. A História na Reflexão Didática. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 19, set. 89/fev. 90. p. 29-42.

para estes conteúdos a partir da possibilidade de construir com os alunos novas questões diante de conteúdos/temas postos pela historiografia¹⁰.

De certa forma, a aprendizagem da História fundamenta o repensar dos caminhos escolhidos para lidar, selecionar e evidenciar determinados conteúdos, temas, fontes e abordagens na Educação básica. Como aponta Jörn Rüsen:¹¹

[...] o conhecimento histórico adquirido não pode ser empregado de forma produtiva para orientar os problemas da vida prática. Quando o conhecimento histórico se torna muito objetivo, ele perde sua função de orientação cultural e no fim das contas, o conhecimento histórico é produzido exatamente para preencher esta função cultural.

Segundo a perspectiva de Rüsen, a História envolve as questões culturais, num entrelaçamento entre o entendimento objetivo e subjetivo. Além disso, há uma relação entre os conceitos substantivos, os quais se configuram como “conceitos relacionados com o passado histórico”. A Educação Histórica como campo epistemológico da História, com estreito diálogo no processo histórico em sala de aula, constitutiva das abordagens da Didática da História, favorece professores/as e alunos/as na busca pela revisão e renovação dos conteúdos, em que se pode ter a apreensão de várias histórias lidas a partir de diferentes sujeitos históricos e suas histórias.

Logo, possibilita a análise desde a formação dos professores até o desenvolvimento dos programas da disciplina para a melhoria do ensino de história como indicação a todos que pretendem realizar bem as funções que a ela se relacionem, seja como pesquisador ou como professor, independente do ponto de maior atuação na matriz disciplinar da história.¹² E neste sentido, a aula de História, apresenta-se como “o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou este conhecimento”.¹³

Seguindo a lógica de ensinar História com aspectos que envolvem a construção da narrativa histórica, é possível agregar outras discussões que tornam compreensíveis os aspectos teórico-metodológicos, os entornos da escola, as ações de docentes e estudantes. Entretanto, favorecer a construção e concepção da consciência histórica, não implica a adoção, por todos, de um determinado paradigma historiográfico.

¹⁰ CAINELLI, Marlene. A escrita da História e os conteúdos ensinados na disciplina de História no ensino fundamental. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 26, n. 51, jan./jun. 2012, p. 179.

¹¹ RÜSEN, J. Studies in metahistory. *Pretoria: Human Sciences Research Council*, 1993, p. 96.

¹² RÜSEN, J. *Razão histórica*. *Op. cit.*

¹³ SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história. In: BITTENCOURT, C. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. *Op. cit.*, p. 57.

fico nem tampouco significa a defesa de uma única narrativa substantiva. As abordagens teóricas estão abertas à discussão, tal como as produções históricas concretas permanecem sujeitas à desconfirmação.¹⁴

Assim, analisar as diferentes concepções em torno do ensino de História em sintonia com as novas configurações históricas e culturais, requer perceber também as determinações pré-concebidas a partir dos modelos ocidentais de ensino, os quais ainda impregnam as salas de aula. Muitas vezes, as determinações curriculares ou mesmo os padrões instituídos para as disciplinas escolares restringem o fazer docente.

Isso de certa maneira, nos encaminha para repensar a formação de professores/as, bem como a proposição dos currículos de História. Para Selma Fonseca,¹⁵ essa constatação nos remete a repensar pelo menos três aspectos. Primeiro, não basta introduzir novos temas nos currículos multiculturais, se na prática, nas relações cotidianas, se promove a exclusão através de brincadeiras, jogos ou formas de avaliação. Segundo, deve-se reconhecer que o professor não opera no vazio. Existem outros espaços educativos atuando nas concepções dos alunos como, por exemplo, a televisão, os quadrinhos ou os acontecimentos cotidianos. E terceiro, a perspectiva do ensino temático e multicultural deve vir acompanhada de uma mudança na formação dos professores: postura crítica e reflexiva, cultivo à tolerância e respeito à diversidade e às diferenças.

Mas, mesmo com o caminho trilhado com a inserção das diferentes concepções no ensino de História, ainda há muito a pesquisar, pois as modificações devem se dar, talvez, pela existência de um domínio específico do conhecimento, na epistemologia da História, tomada como referência para a construção de categorias e diálogos com as outras ciências no processo de aprendizagem e as que constituem a base do conhecimento que se pretende ensinar.

Desta maneira, ao abordar as concepções que envolvem o saber histórico inserido na prática educativa constrói-se, com base nos significados tácitos que cada sujeito atribui às informações adquiridas, aos conhecimentos produzidos, com a utilização de múltiplas fontes.

Logo, o pensamento histórico não se limita a uma interpretação parcelar e linear das fontes; alimenta-se de narrativas progressivamente construídas, criticadas e reconstruídas. Este caminho é percorrido por quem interpreta e por quem aprende, e é essencial para a construção de sínteses progressivamente contextualizadas.¹⁶

¹⁴ SCHMIDT, M. A. O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista (Orgs.). *Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços*. Natal: EDFURN, 2008, p. 54.

¹⁵ FONSECA, S. *Didática e prática de ensino de História*. São Paulo: Papyrus, 2003.

¹⁶ BARCA, Isabel. *Educação Histórica*. *Op. cit.*

O Ensino de História nos anos iniciais: reflexões acerca do fazer de professor/a

Ao abordar a questão do ensino de História nos anos iniciais, tem-se de analisar um campo da História em que tínhamos poucas produções, só recentemente os estudos e pesquisas têm se voltado aos anos iniciais. Isso, como aponta Sandra Oliveira¹⁷, porque “poucos historiadores interessam-se pelo processo de construção do conhecimento histórico em crianças. Muitos sequer acreditam na possibilidade da criança aprender história nas séries iniciais”.

Na busca pela investigação de formação de conceitos e concepções históricas, buscou-se nos anos iniciais fundamentar os ‘olhares’ sobre a cientificidade da História, com abordagens que envolvem as crianças no sentido de valorizar suas próprias histórias. Parte-se assim, da inserção do sujeito histórico. Um dos documentos que auxiliou na inserção de novos discursos e abordagens, foi a produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s),¹⁸ alicerçados na questão das identidades, histórias de vida, relações sociais.

Com o encaminhamento destes documentos, os estudos de História partem nos anos iniciais da compreensão que os/as alunos/as têm do tempo em que vivem e do pertencimento a determinado grupo, para que possam construir sua análise a partir do que aprendem na escola. Sobre a importância do Ensino de História, nos anos iniciais, os PCN’s destacam que “[...] a demanda pela História deve ser entendida como uma questão da sociedade brasileira, ao conquistar a cidadania, assume seu direito de lugar e voz, e busca no conhecimento de sua História o espaço de construção de sua identidade”.¹⁹

Desta maneira, o/a professor/a ao trabalhar com História nos anos iniciais, parte de fundamentações da vida prática, dando sentido à construção da identidade histórica, memória, tempo, sujeito histórico, num processo que utiliza as concepções historiográficas e a didática da história. Como aponta Luis Fernando Cerri:²⁰

Neste quadro, o ensino de História não tem como ser enunciação, mas diálogo. Não cabe a idéia de que a História-ciência produz e a História ensinada reproduz, divulga ou didatiza para o mundo dos não iniciados. Em seu nascedouro, o conhecimento histórico científico encontra-se encharcado das razões da vida prática, visto que os sujeitos desse conhecimento são seres humanos envolvidos com

¹⁷ OLIVEIRA, S. R. F. de. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a História e a Pedagogia. *História & Ensino*: Revista do Laboratório de Ensino de História, Londrina, v. 9, out. 2003. p. 259

¹⁸ Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. História. Brasília, 1997.

¹⁹ *Ibidem*, p. 4-5.

²⁰ CERRI, Luis F. Ensino de História e concepções historiográficas. *Espaço Plural*. A. X, n. 20, 1. sem. 2009, p. 154.

o cotidiano: a relação de aprendizagem histórica (objeto, entre outros, da Didática da História) precede e projeta-se após o ato da produção do conhecimento.

O conhecimento histórico fundamentado nas concepções historiográficas aprofunda o diálogo na produção das narrativas por parte do/a professor/a, do que pretende alcançar no ensino de História e de como tornar significativo o que os/as alunos/as apreendem na disciplina de História, de uma forma “fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora”.²¹ Ainda sobre o/a professor/a de História, Selva Fonseca aponta:

[...] o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente.²²

Neste processo de diálogo dos saberes produzidos e socializados entre professores/as e alunos/as, as determinações legais, os apontamentos didático-pedagógicos, as aprendizagens diferenciadas se relacionam e inter-relacionam na construção da consciência histórica. Visando, então aprofundar as reflexões sobre as diferentes perspectivas de ensinar história pelos/as professores/as, foram realizadas algumas questões sobre os encaminhamentos na prática educativa, que envolviam a apropriação das concepções historiográficas e das inserções didáticas nas aulas de História.

Elencamos duas questões que fundamentam especificamente os encaminhamentos dos/as professores/as na história ensinada. Já que partem da concepção sobre o que ensinar História? Como ensinar? Por que ensinar?

Uma das questões norteadoras da pesquisa procura investigar a relação dos/as professores/as com o saber histórico, uma vez não tiveram formação específica de História, mas possuem conhecimento de História que será abordado em sala de aula. Assim, foram várias narrativas a partir do questionamento com pedagogos/as sobre o que consideram importante estudar sobre o ensino da história?

Optamos por analisar algumas narrativas de professores/as, uma vez que evidenciam a concepção e as influências teórico-metodológicas no ensino de História nos anos iniciais. A professora Marin²³ destaca que:

[...] o mais importante é relembrar os momentos que foram mais significativos na formação da sociedade, como ocorreu, por que ocorreu e o que nos influenciou. Há importância também em co-

²¹ FONSECA, S. *Didática e prática de ensino de História*. Papirus, 2003, p. 89

²² *Ibidem*, p. 71.

²³ Entrevista realizada com a professora Marin, 38 anos, que leciona para o 4º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

nhecer a história de outros povos, pois desta maneira cria-se o respeito às diferenças culturais. As concepções histórico-culturais ajudam a entender a História.

Percebe-se na narrativa da professora que a concepção histórica a ser ensinada passa pela relação passado-presente, persiste também o entendimento sobre o respeito às questões culturais. De certa forma, essa concepção está embasada nas perspectivas historiográficas contemporâneas e que visam sobretudo, valorizar a produção do conhecimento histórico.

Seguindo a mesma lógica de entendimento sobre o saber histórico, que envolve o estudo do passado e presente, a professora Luci²⁴ afirma:

Eu considero importante estudar o passado das civilizações e seus diferentes grupos sociais, para que haja um melhor entendimento acerca de como o ser humano vem evoluindo através dos tempos e perceber que as transformações sofridas pela sociedade são influenciadas por fatores que ocorreram no passado.

A professora Keith,²⁵ ao narrar o que considera importante no ensino de História, afirma: “não considero datas e nomes importantes. Creio que estudar detalhes que auxiliem a compreender os fatos ocorridos como: motivação, consequências, etc. são mais válidos para entender o que aconteceu na História e como impactou na sociedade atual”.

Ao analisar as narrativas, percebe-se que a noção de tempo, as datas, as transformações são lembradas como importantes no saber histórico. Mas, é interessante perceber que ensinar história, sob a perspectiva da Educação Histórica envolve um processo dinâmico, que pode ser realizado através das narrativas, como afirma Schmidt:²⁶

A narrativa histórica caracteriza-se como uma trama, diferenciando-se do relato e do quadro, quando a escolha recai em responder a uma pergunta que busca desvendar os conflitos e não os acontecimentos e situações do passado. Na trama histórica é necessário escolher uma temática, um recorte cronológico, a eleição dos atores e dos episódios.

O aprendizado das noções de tempo é um dos elementos principais no ensino de História nos anos iniciais, proposto nos PCNs, nas diretrizes curriculares, nos manuais didáticos, pois permite que a criança compreenda a relação passado-presente-

²⁴ Entrevista com a professora Luci, 27 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

²⁵ Entrevista com a professora Keith, 30 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

²⁶ SCHMIDT, M. A. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Tempos históricos*, v. 12, 1. sem./2008, p. 89.

futuro. Como afirma Oliveira:²⁷ “O passado infantil não é distante nem ordenado em épocas distintas. Ele não é qualitativamente diferente do presente”.

Por isso, é importante que os/as professores/as tenham domínio das concepções históricas que fundamentam o ensino de História, pois como destaca Abud²⁸ é preciso lembrar que o conhecimento do passado e a experiência do tempo das crianças no início da escolarização são bastante limitados. Mesmo em fase em que já tenham compreensão da cronologia e a fixação dos acontecimentos em seus respectivos contextos, o conceito de tempo, que envolve diferentes noções, não é plenamente compreendido pelos alunos.

Seguindo na análise que propomos com os/as professores/as, a narrativa da professora Camila, sobre o que considera importante no ensino de História nos anos iniciais, evidencia a preocupação com questões que rompem com a História dita tradicional. Segundo a professora Lia:²⁹

[...] acho interessante que se estude o por que da História e dar mais destaque à História do nosso país, mas não apenas datas, presidentes e descobrimento. Falo de dar ênfase às culturas de cada região, semelhanças, diferenças e como a história foi construída ao longo do tempo.

A partir dessa narrativa, pode-se dizer que a inserção de temas, ou o que é considerado importante no ensino de História pelos/as professores/as, tem sido influenciado pelas perspectivas historiográficas, como a Educação Histórica. Nesta proposta o/a professor/a teria a função de mediar a construção do conhecimento histórico, envolvendo os/as alunos/as no processo de ensino-aprendizagem, tornando significativo o que se ensina na História. Para Cainelli,³⁰ a Educação Histórica:

Tem o objetivo de entender as relações que alunos e professores estabelecem com o conhecimento histórico, com os conceitos e as categorias históricas, assim como as ideias substantivas e ideias de segunda ordem da disciplina de História. A educação histórica tem especial interesse na forma pela qual o trabalho com fontes, as estratégias de ensino, os materiais didáticos, os objetos históricos, entre outros, colaboram para a formação das ideias históricas e da consciência histórica de alunos e professores.

²⁷ OLIVEIRA, S. R. F. O tempo, a criança e o ensino de História. In: ROSSI, V. S.; ZAMBONI, E. (Orgs.). *Quanto tempo o tempo tem?* Campinas: Alínea, 2003. p. 145.

²⁸ ABUD, K. Tempo: a elaboração do conceito nos anos iniciais de escolarização. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (1), p. 9-17, 2012, p. 13.

²⁹ Entrevista com a professora Lia, 26 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Março de 2014.

³⁰ CAINELLI, Marlene. A escrita da História e os conteúdos ensinados na disciplina de História no ensino fundamental. *Educação e Filosofia Uberlândia*, v. 26, n. 51, p. 163-184, jan./jun. 2012, p. 175.

Pode-se dizer que o entendimento da Educação Histórica está imprimindo outros olhares sobre o fazer histórico na sala de aula, sendo assim, alguns professores/as que tiveram acesso a essa abordagem passam a valorizar o papel dos/as alunos/as na aula de História. Como se pode perceber na narrativa de Ane:³¹

[...] acredito que o ensino de História deve ser abordado de uma forma em que o sujeito se sinta como agente da história, apenas estudando o passado sem ligação com o presente torna a disciplina metódica e chata, eu por exemplo não tinha boas lembranças da disciplina de História que tive no colegial, pois as aulas eram lendo os livros com poucos recursos visuais e com professores sem criatividade, que apenas liam a “cartilha”, a aula ficava chata e os alunos sabiam que tinham apenas que decorar datas dos eventos. De que adianta decorarmos as datas se não sabemos o por que de tais eventos? [...] a história deve ser abordada com as ferramentas da atualidade, como recursos visuais, vídeo, visitas em locais como museus para que a criança sinta a curiosidade em saber. É importante que o educador se importe com o passado e com agentes históricos.

Com base na Educação Histórica, há a preocupação em relacionar os conteúdos, metodologias, com narrativas e explicações que vão para além de fatores causais de acontecimentos históricos. A interpretação das fontes pelos/as alunos/as é trabalhada pelos/as professores/as que atuam nos anos iniciais, podendo fazer a articulação entre conceitos, ideias e conteúdos. O que defendemos é uma estreita articulação na narrativa histórica que permita entender a relação que os sujeitos têm com os conceitos, ideias, conteúdos, cuja referência é a própria epistemologia da história.³²

Na narrativa da professora Cris,³³ o estudo da História é crucial para nossa formação e:

[...] para a percepção do que somos, de como chegamos, onde estamos hoje, enquanto humanidade e indivíduo. Penso que conhecer a história da humanidade, as mudanças, novos modos de pensar e agir e refletir sobre ela criticamente. [...] começar pensando e conhecendo a nossa história familiar, se aprofundar nela, depois a do bairro e assim ampliando o conhecimento. Uma história sem preconceitos.

³¹ Entrevista realizada com a professora Ane, 42 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Março de 2014.

³² SCHMIDT, M. A.; BRAGA, T. A formação da consciência histórica de alunos e o cotidiano em aula de História. *Cadernos Cedes*. Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

³³ Entrevista realizada com a professora Cris, 42 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

Em torno da proposição da História como a disciplina que é responsável por refletir sobre os grupos culturais, como os grupos africanos, afro-brasileiros e indígenas, cujo respaldo se ampara na lei 11.645/2008, encontram-se as narrativas dos/as professores/as entrevistados/as:³⁴

Professora Mari: [...] acho importante que seja mantido o conteúdo já existente, mas que seja inserido no currículo a história dos indígenas e dos negros, talvez de um ponto de vista mais cultural ao invés do pouco que era passado antes. Hoje, podemos trabalhar com os grupos que ajudaram a construir nossa história.

Professora Leci: É através dela que sabemos o porque das situações de nosso processo histórico, sem uma história não teríamos como saber o que nosso antepassados fizeram, o que construíram e o como viviam, a cultura, a crença, os valores, os costumes, tudo o que somos.[...] a história é fundamental, pois somente com ela temos um norteador e narrador do que os índios, os negros fizeram na nossa história e, podemos apreciar os avanços, as conquistas que obtivemos e as perdas e retrocessos em outros momentos, isto faz parte da vida.

Professora Mara: É importante estudar História para conhecer as nossas origens e também conhecer outros povos, como os índios, os negros, outras civilizações, formas de governo, a história política de um país. Os costumes, tradições de uma região, dos costumes familiares de uma região, de um grupo cultural.

As narrativas das professoras evidenciam que, para elas, a história tem papel fundamental em abordar e dialogar sobre os grupos culturais, ainda que persistam discursos sobre os avanços e as conquistas, destacam a importância em abordar a contribuição da cultura, dos costumes dos diferentes grupos.

A discussão sobre a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena prevista nos currículos visa enfatizar as lutas e as contribuições desses povos na formação da sociedade brasileira. E permite o entendimento da contribuição dos diferentes grupos culturais, assim, a experiência contribuiu para que as crianças passassem a ter uma nova compreensão acerca da cultura indígena e dos índios, deixando de lado uma visão romântica, folclórica e permeada de preconceitos, que comumente vigora quando do trabalho com tal temática na escola, em especial no ensino de História.³⁵

Ao compreender os limites do modo de pensar histórico dos alunos, o professor-pesquisador deve criar condições para que as interpretações históricas esquemáticas e não referenciadas no acúmulo sistemático da Ciência Histórica, sejam, através

³⁴ Entrevista realizada com a professora Mari, 46 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais; com a professora Mara, 26 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais; e a professora Leci, 24 anos, que leciona para o 4º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

³⁵ BRITO, Edson Machado. O ensino de história como lugar privilegiado para o estabelecimento de um novo diálogo com a cultura indígena nas escolas brasileiras de nível básico. *Fronteiras*. Dourados, v. 11, n. 20, jul./dez. 2009, p. 59-72.

de tarefas cognitivas, questionadas pelos próprios alunos, levando a uma sofisticação de suas ideias históricas.³⁶

A concepção que cada professor/a tem sobre o que é importante ensinar na disciplina de História ficou explícita em suas narrativas, com as utilizações e compreensões acerca das perspectivas historiográficas. Na esteira das discussões realizadas com os/as professores/as, indagou-se sobre a forma de ensinar História para crianças e jovens.

Nesta parte da investigação, as narrativas de professores/as trazem informações sobre os usos de fontes históricas, as linguagens e abordagens diferenciadas no ensino de história. A professora Marin³⁷ fala que a melhor forma de ensinar história é:

Instigando o trabalho de pesquisa e socialização baseado na relação dos eventos do passado com atualidade. Exemplo: instigar a busca de conhecimento sobre Chernobyl com base em possíveis similaridades com acidentes no Japão; ou o estudo do fascismo e nazismo da 2ª Guerra Mundial com a segregação social atual.

As narrativas apresentem olhares diferenciados para o ensino de história, e exibem as abordagens sobre simultaneidade, ordenação, continuidade como importante nos anos iniciais. Luis Ribeiro³⁸ apresenta três noções temporais que contribuem para que a criança se situe historicamente: a ordenação, a duração e a simultaneidade. Para o autor, a ordenação temporal permite que a criança compreenda os acontecimentos e entenda a relação de causalidade e consequência dos acontecimentos. Partindo dos aspectos familiares e presentes no cotidiano, é possível que, aos poucos, sejam introduzidas sucessões de fatos históricos mais longínquos.

O entendimento e a relação do acontecimento local com o global contribuem para que as crianças compreendam que estão inseridas no processo histórico e que são sujeitos históricos. Além dessa possibilidade, percebe-se que a utilização de fontes históricas com abordagem mais dinâmica, que envolvem a leitura das fontes, interpretação, representação e narrativa são pontuadas pelos/as professores/as como importante na história. A professora Luci³⁹ aponta que “promoveria visitas a museus e cidades históricas para que os alunos se familiarizassem com os objetos antigos que lá estão e que ajudam a contar a história. Traria filmes com a curiosidade dos alunos sugerindo uma pesquisa sobre seus familiares”.

A preocupação em fazer aulas mais dinâmicas, com visitas a museus, com utilização de elementos que fazem parte da vida dos/as alunos/as contribui para que ensinar história não seja visto como algo distante, estático e repetitivo. Favorece-se,

³⁶ BARCA, Isabel. Educação Histórica. *Op. cit.*

³⁷ Entrevista com a professora Marin, 46 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

³⁸ RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *Ensino de história e geografia*. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

³⁹ Entrevista com a professora Luci, 27 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013

assim, construção do conhecimento e o entendimento do pensamento histórico, pois, como aponta Barca:⁴⁰

O pensamento histórico não se limita a uma interpretação parcelar e linear das fontes; alimenta-se de narrativas progressivamente construídas, criticadas e reconstruídas. Este caminho é percorrido por quem interpreta e por quem aprende, e é essencial para a construção de sínteses progressivamente contextualizadas.

Assim, propor que as fontes sejam analisadas, criticadas, repensadas contribui também para que os/as alunos/as possam aprender a construir suas próprias interpretações. Pois, como apontou a Professora Lia,⁴¹ “a partir das fontes históricas, pode-se fornecer boas informações aos alunos, a partir da cultura, porque eles com certeza reagem à altura”.

A utilização da fonte histórica confere um significado diferente à aula de história se for acompanhada de uma abordagem significativa. Isso porque, na fundamentação didática da história, o uso das fontes históricas intensifica a produção do conhecimento histórico. Segundo Circe Bittencourt,⁴² recorrer ao uso de documentos e fontes históricas nas aulas de História pode ser importante, por favorecer o pensamento histórico e a iniciação aos métodos de trabalho do historiador. Assim, o uso de fontes diferenciadas ajuda a desenvolver a autonomia intelectual, permitindo que o aluno realize análises críticas da sociedade por meio de uma consciência histórica.

A utilização dos diferentes tipos de fontes históricas, desde visuais até as documentais, no ensino de História tem tido tratamentos conforme as incorporações das concepções historiográficas. Mas, de que forma podem ser ensinadas às crianças e jovens?

Essa questão norteou a segunda parte da oficina que realizamos com os/as professores/as, permitindo conhecer as concepções delas/es, bem como a forma como atuam em sala de aula, os usos de fontes e as formas de ensinar História. Assim, nas narrativas dos/as professores/as é possível compreender as percepções, entendimentos, afinidades, discursos que são incorporados por cada um/a.

Percebe-se que muitos/as professores/as mantêm a lógica de ensinar história nos anos iniciais a partir das diretrizes curriculares, seguindo os encaminhamentos a partir dos temas propostos. E quando pontuam trabalhar com fontes históricas, ressaltam que a utilização torna a aula mais ‘leve’. Entre as narrativas, a professora Leci⁴³ apontou que “eu ensino História de uma forma mais leve, introduzindo mais filmes e jogos, tornando a disciplina mais atrativa, mais interessante. Para mim a

⁴⁰ BARCA, Isabel (org.). Para uma educação Histórica de qualidade. *Actas das IV Jornadas Internacionais de educação histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2004, p. 15.

⁴¹ Entrevista com a professora Lia, 26 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Março de 2014.

⁴² BITTENCOURT, C. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

⁴³ Entrevista com a professora Leci, 24 anos, que leciona para o 4º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013

história foi sempre muito ‘decoreba’ e eu nunca fui boa em decorar, penso que muitos alunos devem ser assim”.

A professora apresenta em sua narrativa algo que se faz presente nas discussões sobre formação de professores/as, e se tem debatido muito: o aprofundamento teórico e metodológico na História, já que por mais que se tente romper com os paradigmas tradicionais, é importante fundamentar a prática educativa de uma maneira que a abordagem tenha significado e compreensão para as crianças e jovens, não sendo apenas a mera utilização de fontes, sem contextualização histórica.

Sobre a relação entre a utilização das fontes históricas e a contextualização histórica, com fundamentação, a professora Luci,⁴⁴ apresenta as apreensões que teve ao longo do processo de formação. Ela começou a fazer graduação em História agregando as discussões que tinha no curso com as suas aulas para o 4º ano do Ensino Fundamental. Sobre a forma de ensinar história, ela salienta que:

Ensino história local, os lugares conhecidos, músicas, vídeos, imagens e movimento. A aprendizagem, em minha opinião, acontece com mais facilidade quando não usamos apenas uma foto, uma única foto estática, que muitas vezes é estudada seguindo os capítulos de um livro didático. Para mim, o livro didático ajuda, mas não é principal. A importância é conferirmos ao fato contextualizado, envolvente e desafiador. Usar diferentes fontes, trazer as informações, possibilitar o diálogo com as crianças. Fazer com que as aulas tenham significado do que se estuda.

Rüsen⁴⁵ fundamenta as discussões sobre o que significa ensinar história, tendo como objeto o conhecimento histórico, destaca que só se torna profícuo quando significa algo para os indivíduos, tendo sentido ao longo do tempo. Desta forma, a História pode ser entendida como uma experiência cultural que possibilita o entendimento e as subjetividades dos alunos.

Seguindo nesta abordagem, a professora Mara⁴⁶ destacou que para ensinar história:

Primeiramente mostro através de dinâmicas e jogos, o que é história e por que estudá-la. Após busco com eles, a memória. Mostrar que o nosso passado também tem uma memória. Trazer filmes, jornais, fotografias e pesquisas sobre as diferenças e mudanças que ocorreram ao longo da história. Eu uso o ensino de forma lúdica, com utilização da imaginação das crianças e jovens, para que saibam contar o que aprenderam.

⁴⁴ Entrevista com a professora Luci, 27 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais. Setembro de 2013.

⁴⁵ RÜSEN, J. *Estudos de métodos em história*. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993.

⁴⁶ Entrevista com a professora Mara, 26 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais. Março de 2014. E entrevista com a professora Marin, 46 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Março de 2014.

A narrativa da professora evidencia a inserção das abordagens historiográficas que inserem os aspectos culturais, que visam utilizar fontes e linguagens diferenciadas, que trabalham com a consciência histórica e que rompem com os modelos tradicionais da História. Assim, as ações que os/as professores/as realizam na História, trazem os debates sobre as identidades, os grupos culturais, as memórias coletivas e individuais. E que, mais do que abordar o conteúdo histórico, a disciplina de História habita na escola, um espaço-tempo em que podem ser projetadas as análises críticas.

Um dos temas que também é abordado pelos/as professores/as nas aulas de História e que fundamenta as ações em sala de aula é a memória. Sobre isso, a professora Mara e a professora Marin,⁴⁷ destacam a forma como trabalham com a Memória:

Professora Mara: eu trabalho com memória, mas numa perspectiva cultural. Eu ainda não tinha conhecimento sobre a relação história e memória, eu apenas trazia as lembranças, mas muitas vezes, faltava a concepção histórica. Hoje, quando uso as entrevistas de avós na sala de aula, já tenho uma fundamentação teórica, me baseio em algumas análises para depois trabalhar com as crianças. Isso ajudou para que as crianças passem a ter a compreensão da história, elas transmitem suas opiniões.

Professora Marin: a memória histórica, de lugares, das pessoas tem sido muito útil nas minhas aulas, porque as crianças aprendem a partir de histórias mais próximas, para depois montar discussões maiores. Assim, eu parto de conhecimentos do presente, mas o passado está permeando todas as ações. Ainda estou fazendo a oficina, e refletindo sobre a educação histórica.

Abordar a relação entre história e memória, é necessário fundamentar e contextualizar as reflexões e os temas propostos na aula de História. Rompendo com a memorização, com aspectos meramente ilustrativos da história na sala de aula, pois se percebe que muitas vezes, o uso da memória se dá por ilustrações, por visitas a lugares de memória, mas sem aprofundamento do que se pretende aprender do passado. Pois, como afirma Schmidt:⁴⁸

[...] não é somente pela lembrança que se recupera o passado. Seja qual for o modo em que a *consciência histórica* penetra no passado, como no itinerário dos arquivos da memória, o impulso para esse retorno é sempre dado pelas experiências do tempo presente. Ou seja, a *consciência histórica* é o local em que o passado é levado a falar e este só vem a falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação na vida prática atual, diante das suas experiências no tempo.

⁴⁷ Entrevista com a professora Mara, 26 anos, que leciona para o 3º ano dos anos iniciais. Março de 2014. E entrevista com a professora Marin, 46 anos, que leciona no 4º ano dos anos iniciais. Março de 2014..

⁴⁸ SCHMIDT, M. A. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. *Tempos históricos*, v. 12, 1. sem./2008, p. 85.

Logo, diante das possibilidades de abordagens, que visam se fundamentar na Educação Histórica, pode-se dizer que, as investigações no campo da Educação Histórica estão contribuindo para o aprofundamento acerca das temáticas históricas, de uma forma diferenciada, tanto para professores/as quanto para os/as alunos/as. Isso porque, permitem a reflexão da ação, favorecem a compreensão da narrativa histórica, apontam encaminhamentos metodológicos que envolvem o conhecimento da concepção historiográfica e objetivam tornar o ensino de história significativo e qualificar as ações didático-pedagógicas.

Algumas considerações finais

A proposta de desenvolver as oficinas didáticas com professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental, teve como objetivo central, perceber de que forma se ensina história para as crianças, de uma forma que envolva as concepções e conceitos históricos.

A ideia não é que sejam formados pequenos historiadores, mas a partir da ação do/a professor/a em sala de aula, compreender as modificações históricas, as noções de continuidade e ruptura, de processo histórico, de passado, presente, futuro. Enfim, que as crianças tenham contato com questões que possibilitem compreender mais do que “histórias de ficção”, para que ao ter contato com outras discussões no Ensino Fundamental II, possam entender os temas e conteúdos históricos em sua complexidade e não tenham tanta dificuldade em refletir sobre a história.

Nas oficinas, percebeu-se, entretanto, que os/as professores/as tiveram contato com as concepções e conceitos históricos na formação inicial e, com base no que apreenderam sobre história, ensinam às crianças. As noções que são encaminhadas pelas diretrizes curriculares parecem ter sido a tônica de muitas aulas na formação inicial, pois a base conceitual abordada em algumas narrativas demonstra a inserção das premissas dos PCN's.

O uso da memória, da história local, das noções de identidade, agregados ao lúdico, como brincadeiras, saídas de campo, vídeos, jogos parecem contribuir para a apreensão dos conceitos históricos pelas crianças. E fazem com que os/as professores/as retomem conceitos apreendidos na formação inicial. Porém, um dos entraves que percebemos ao longo da oficina, foi a dificuldade de participação em cursos, palestras, eventos de formação continuada. Por uma série de questões, como: excesso de carga horária, dificuldade de conciliar os horários, dificuldades de locomoção, falta de recursos financeiros para custear os cursos, bem como a apatia dos órgãos governamentais em oferecer a formação continuada, conforme o interesse dos/as professores/as.

Uma das questões mais inquietantes nesta análise foi perceber a dificuldade de utilização de diferentes fontes históricas (fotografias, documentos, impressos jornalísticos, etc.) na aprendizagem em sala de aula. Talvez isso seja um reflexo da não utilização de diversificação de fontes históricas na formação inicial de professores/as.

Em suma, há intenção em aprofundar os conhecimentos históricos e sua produção e disseminação na sala de aula, com recursos didáticos, espaço adequado, formação e dignidade para ensinar. Mas, percebemos nas narrativas dos/as professores/as dos anos iniciais, que se desdobram de inúmeras maneiras para, minimamente dar conta do conteúdo, cumprindo o que o currículo escolar propõe, bem como aprofundando e ampliando conforme os seus conhecimentos e possibilidades educativas.

Artigo recebido em 30 de junho de 2015.

Aprovado em 25 de julho de 2015.